

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

LICENCIATURA EM DANÇA

MÔNICA MARTINS DE SOUZA

PAU QUE NASCE TORTO, NUNCA SE ENDIREITA:
IMPACTOS E INFLUÊNCIAS DO GRUPO É O TCHAN EM MINHA VIDA

APARECIDA DE GOIÂNIA

2024

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Mônica Martins De Souza

Matrícula: 20191090050214

Título do Trabalho: Pau que nasce torto, nunca se endireita: impactos e influências do grupo é o tchan em minha vida

Autorização - Marque uma das opções

1. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 07 de novembro de 2024.

Local

Data

-

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MÔNICA MARTINS DE SOUZA

PAU QUE NASCE TORTO, NUNCA SE ENDIREITA:
IMPACTOS E INFLUÊNCIAS DO GRUPO É O TCHAN EM MINHA VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Dança, do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus
Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciado(a)
em Dança.

Orientador: Prof. Me. Germano Henrique
Pereira Lopes

APARECIDA DE GOIÂNIA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729 Souza, Mônica Martins de
Pau que nasce torto, nunca se endireita: impactos e influências do grupo
É o tchan em minha vida / Mônica Martins de Souza. - Aparecida de
Goiânia, 2024.
47 f.

Orientador: Me. Germano Henrique.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
Licenciatura em Dança, 2024.

1. Cultura baiana. 2. Pagode baiano. 3. É o tchan. 4. Dança. I. Título.

CDD 792.8

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa da Monografia intitulada **Pau que nasce torto, nunca se endireita: impactos e influências do grupo É o Tchan em minha vida**, sob orientação de Germano Henrique Pereira Lopes, apresentada pela aluna **Monica Martins de Souza (20191090050214)** do Curso **Licenciatura em Dança (Câmpus Aparecida de Goiânia)**. Os trabalhos foram iniciados às **17:10** do dia **08/10/2024** pelo Professor presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Germano Henrique Pereira Lopes** (Presidente)
- **Luciana Gomes Ribeiro** (Examinadora Interna)
- **Roberto Rodrigues** (Examinador Interno)
- **Julia Palma Gunesch Vieira** (Examinadora Suplente Interna)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo da Monografia, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Nota : 10,0

Observação / Apreciações:

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Germano Henrique Pereira Lopes** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Germano Henrique Pereira Lopes** (991.680.813-91), em **23/10/2024 17:14:02** com chave **5866c366917b11efa2fa005056a537a4**.
- **Luciana Gomes Ribeiro** (783.675.731-53), em **23/10/2024 17:29:25** com chave **7eacf2f0917d11efa5bc005056a537a4**.
- **Julia Palma Gunesch Vieira** (037.843.861-13), em **23/10/2024 22:38:01** com chave **9b1649b691a811efb96e005056a537a4**.
- **Roberto Rodrigues** (025.307.841-59), em **23/10/2024 17:11:52** com chave **0b0e17ea917b11efb6dd005056a537a4**.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 23/10/2024

Código de Autenticação: e4fa79



Dedico este trabalho a minha amiga, companheira e filha amada Natasha Martins Santos, que me apoiou em todos os momentos, em especial os momentos que tive que ausentar-me, e por não ter dado a atenção necessária nos processos de criação do trabalho, sendo compreensiva e apoiando nos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha filha Natasha Martins, pelo apoio e compreensão dos momentos de ausência que precisei estudar. Agradeço ao pai da minha filha, que apesar de estarmos separados, ele sempre apoiou e incentivou nos meus estudos. Agradeço a minha família, minha mãe Wagna Martins por sempre me apoiar, minha irmã Dayane Martins, Tatiana Martins, e minha sobrinha Talita Martins. meu pai Luiz Carlos. Agradeço meu professor orientador Germano por suas orientações e palavras de apoio e incentivo. Agradeço a Kátia que esteve comigo me ajudando na conclusão do trabalho. Agradeço aos professores do IFG, Dr^a. Luciana Ribeiro, Me. Roberto Rodrigues, Me. Rousejanny Ferreira, Tainá Barreto. Agradeço aos colegas da turma, pela parceria ao longo do curso, Cinara Santana, Viviane Reis, Rita Isabela, Hauany Aquino, Alessandra Barcelos, Samuel Sousa, Bruna Carneiro. Agradeço a minha amiga e diretora do meu trabalho, Centro Municipal de Educação Profissional (CMEP), pelo apoio, incentivo, e compreensão pelos momentos que precisei estudar no trabalho. Agradeço a toda equipe da EMEI Vinovita, pelo carinho e amizade.

Honrar a nós mesmas, amar nossos corpos, é
uma fase avançada na construção de uma
autoestima saudável. bell hooks

RESUMO

A Bahia, uma região brasileira, tem uma cultura rica e diversa, com influências portuguesas, africanas e europeias. Com a chegada dos escravizados africanos na Bahia, várias manifestações culturais foram introduzidas. Entre elas a música, danças, culinária, religiões e trajes. As danças são profundamente ligadas às tradições africanas e indígenas, celebrando a natureza e aos seus ancestrais. As celebrações dos povos originários destacam diversidade e conexões profundas, resistindo aos desafios à cultura e modo de vida. O Carnaval é um símbolo da cultura da Bahia, remonta há 10.000 anos com raízes no Egito, Grécia e Roma. No Brasil ganhou destaque em Salvador com trios elétricos e diversos gêneros musicais. Um dos gêneros é o Pagode Baiano, uma importante projeção nacional para a indústria musical baiana, conquistou espaço na mídia nacional. O Axé Music surgiu como uma marca de referência para o carnaval baiano. Estes gêneros representam a identidade do carnaval baiano, atraindo milhares de turistas a Salvador. O grupo É o Tchan, surgido no ano de 1995, conquista o topo do sucesso com suas aparições na mídia e o sucesso nos carnavais da Bahia, contribuindo para a disseminação do gênero. O foco desta pesquisa é estabelecer uma conexão das relações do grupo É o Tchan com minhas experiências, destacando os impactos e influências do grupo com minha vida acadêmica e profissional. Desse modo, descrevo minha trajetória com a dança bem como minhas experiências, evidenciando as contribuições para essa pesquisa.

Palavras-chave: Cultura baiana, Pagodes baiano, É o Tchan, Dança.

ABSTRACT

Bahia, a Brazilian region, has a rich and diverse culture, with Portuguese, African and European influences. With the arrival of enslaved Africans in Bahia, several cultural manifestations were introduced, including music, dances, cuisine, religions and costumes. The dances are deeply linked to African and indigenous traditions, celebrating nature and their ancestors. Celebrations of indigenous peoples highlight diversity and deep connections, resisting challenges to culture and way of life. Carnival, a symbol in the culture of Bahia, dates back 10,000 years with roots in Egypt, Greece and Rome, gaining prominence in Salvador with electric trios and various musical genres. One of the genres is Pagode Baiano, an important national projection for the Bahian music industry, gaining space in the national media. Axé Music emerged as a reference brand for the Bahian carnival. These genres represent the identity of the Bahian carnival, attracting thousands of tourists to Salvador. The Tchan group, emerged in 1995, achieved the pinnacle of success with its appearances in the media and success in Bahia's carnivals, contributing to the dissemination of the genre. The focus of this research is to establish a connection between the relationships of the É o Tchan group with my experiences, highlighting the impacts and influences of the group on my academic and professional life, in this way I describe my trajectory with dance as well as my experiences, highlighting the contributions to this research.

Keywords: Bahian culture, Bahian Pagodas, It's Tchan, Dance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - UM PANORAMA CULTURAL DA BAHIA.....	18
CAPÍTULO 2 - É O TCHAN	28
2.1- Performances	36
CAPÍTULO 3 - MENINA QUE REQUEBRA	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

A década de 1990 foi período marcado por intensas transformações culturais, muitas vezes influenciadas por uma maior facilidade no acesso aos bens de consumo midiáticos, sobretudo os aparelhos televisores. A programação das emissoras de televisão nesse período, era diversa, com variados programas de entretenimento, ganhando importância cada vez maior na rotina e vida dos brasileiros. De acordo com Rubim (2004), no Brasil, a televisão e a cultura midiática alcançavam a maioria da população e não havia outros contrapontos culturais estruturados que pudessem competir ou equilibrar tais influências.

A televisão era, muitas das vezes, o único meio de comunicação ou, pelo menos, o mais acessível da época, sendo a principal formadora de opinião. Esse era o principal meio de influência cultural de alcance nacional. Muitas tendências foram lançadas através das telas dos aparelhos e rapidamente adotadas pela população. Um desses elementos de cultura impulsionados pelo poder da televisão foram grupos musicais com diversos gêneros de música e dança. Um gênero musical que ganhou grande audiência na Bahia, e que ganhou alcance nacional foi o Pagode Baiano.

Segundo Lacerda (2014, p 06) o Pagode Baiano é um gênero musical que mistura diversos elementos de outros gêneros e ritmos musicais, ou seja, é um gênero híbrido. Ainda segundo o autor, traços do samba do Recôncavo Baiano, de música eletrônica, do funk e outras expressões regionais, são os gêneros que contribuem para a caracterização do Pagode Baiano. Além disso, Lacerda (2014) revela os motivos do forte apelo popular do gênero, tais como: fácil memorização, ritmo contagiante e danças coreografadas.

O Pagode Baiano ganhou relevância e projeção nacional, saindo dos fundos de quintais e indo parar nos trios elétricos. O carnaval de Salvador é uma festa de grande fama mundial, atraindo milhares de turistas de diversos países e diversos estados brasileiros para a cidade todos os anos. O Pagode Baiano torna-se a identidade do carnaval baiano. Desta forma, a indústria musical baiana ganhou espaço na mídia nacional, como destaca Nascimento (2012, p. 55):

Naquele momento, a indústria musical baiana atingiu níveis elevados de popularidade e vendagem e comemorava a conquista de espaço na mídia nacional, rompendo as fronteiras do local, marcando discursivamente o lugar de margem e diferente da homogeneidade do país.

Diversos grupos deste gênero musical seguiram a tendência de sucesso que ganhava cada vez mais força, perseguindo o sonho da fama e do estrelato. Um dos grupos de destaque, surgido no ano de 1995, consegue o topo do sucesso na época, o grupo: É o Tchan.

Nascimento (2012, p. 62) afirma que o sucesso do grupo aconteceu nos anos de 1990, mas foi entre 1995 a 1999 que eles alcançaram o auge da carreira e influenciaram e inspiraram outras bandas que estavam em busca de sucesso. Inicialmente o grupo se chamava "Gera samba"¹, logo depois passou a se chamar "É o Tchan", nome surgido do *single* de maior sucesso do grupo. Na sua primeira formação o grupo era composto pelos vocalistas Beto Jamaica e Compadre Washington, e pelos dançarinos Carla Perez, Débora Brasil e Edson Cardoso (jacaré). No início, o grupo tocava nos subúrbios de Salvador, fazia pequenos shows e acabou por chamar a atenção de um empresário local, o que colaborou para o reconhecimento do grupo, e o surgimento de contratos e parcerias de trabalho (NASCIMENTO, 2012, p. 63).

O grupo É o Tchan influenciou toda uma geração, fazendo com que suas músicas e coreografias estivessem no imaginário popular da época. Assim, minha infância foi muito marcada pelos ritmos e danças produzidas pelo grupo. Me tornei fã ativa, comprei fitas cassete e cds; vi, sempre que possível, os programas dos quais eles participavam; formei grupos de dança com as amigas mais próximas para dançar e reproduzir as coreografias daquele grupo; dentre outras ações. Tudo isso me fez vislumbrar possibilidades profissionais na dança e comecei a investir neste caminho. Um importante passo foi o ingresso no curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Goiás, no ano de 2019. No curso pude experimentar e vivenciar muitas possibilidades artísticas e acadêmicas. O ponto de partida foi a ideia de que o grupo É o Tchan se tornou um grande divisor de águas em minha vida, de um desejo constante a possibilidade de investigar os reais impactos e influências do grupo em minha trajetória formativa e profissional de forma sistematizada.

¹ A trajetória do grupo É o Tchan iniciou no final dos anos 80 com o nome Gera Samba, nome inspirado em um programa de televisão chamado geração 2000. A mudança do nome foi motivada por uma ordem judicial, devido a existência de outra banda já registrada com o mesmo nome.

É inegável o grande sucesso que o grupo É o Tchan obteve no país, e influenciou diversos setores da sociedade. Esse despertou desejos, debates e até pesquisas sobre o seu sucesso e influência. O grupo tornou-se o principal recordista de vendas de cd's, com cerca de 10 milhões de cópias no total, sendo 2,7 milhões referentes ao álbum É o Tchan do Brasil, recebendo o disco de diamante duplo².

As músicas, coreografias e a trajetória do grupo É o Tchan povoaram boa parte do meu imaginário. Ao ingressar no curso de Licenciatura em Dança, com oportunidades de desenvolvimento de pesquisa, as inquietações sobre minhas relações com o grupo e como fui impactada e atravessada por suas influências, logo tornou-se uma temática que eu me identificava. Diante dessa possibilidade, fazendo uma viagem sobre memórias que me conduziram até aqui, reflexões e questionamentos surgiram. De forma direta, a principal pergunta que aparece é: como o grupo É o Tchan influenciou e impactou na minha formação acadêmica e profissional?

Nesta pesquisa, para atingir tal objetivo, a metodologia escolhida foi a bibliográfica e a autobiográfica. Os referenciais teóricos utilizados foram: Clebemilton Nascimento (2012), Mônica Leme (2001,2003), Gabriela Lacerda (2014), Ledson Chagas (2016). Serão abordados os contextos em que o grupo estava inserido, visando traçar uma possível trajetória do grupo e, assim, propor possíveis atravessamentos destes com minha própria trajetória de vida.

A dança, como campo de conhecimento, demorou a ser reconhecida como uma área com seus próprios signos, métodos, abordagens e epistemologia. Um reflexo disso é que, nas pesquisas analisadas, é comum o uso de métodos autobiográficos, em que a experiência pessoal do pesquisador é considerada uma qualificação relevante para abordar o tema. Essa abordagem, muitas vezes, é justificada pela escassez de recursos bibliográficos disponíveis, conferindo às pesquisas autobiográficas um caráter pioneiro no estudo dessas relações. Para além disso, BALDI (2020, p. 4) afirma que:

Na Dança, a Autobiografia surge também na segunda metade do século XX, quando interessa aos criadores e criadoras trazer à tona temas pessoais. Ou seja, falar de si, de suas histórias, de suas vivências passa a ser temática das obras de dança, bem como questões a serem observadas em processos de criação.

² As vendas de álbuns no Brasil são reconhecidas pela ABPD (Associação Brasileira de Produtores de Discos, atualmente chamada Pró-música), que emite certificados de Disco de Ouro, Platina e Diamante. Essas certificações são importantes no setor musical, sendo bem aceitas pela imprensa e trazendo prestígio e valorização comercial para os artistas que as recebem. (MORAIS, 2020, p.48).

Portanto, a partir da autobiografia compartilho aqui, minhas experiências, reflexões e aprendizados, oferecendo uma versão íntima e pessoal de minha trajetória no campo da dança, bem como a vida acadêmica e profissional.

Para melhor compreensão dividimos o trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, serão apresentados aspectos gerais sobre a cultura baiana, pois o gênero musical aqui tratado surge nesse estado. Nesse contexto, serão abordados os elementos da música e da dança afro-brasileiras, para compreender as principais características do Pagode Baiano, gênero em que está inserido o grupo É o Tchan. Em seguida, abordaremos diversos aspectos sobre o Pagode Baiano, incluindo o seu auge nacional impulsionado pela mídia televisiva, principalmente. Será tratado, também, a diferença do Axé Music e do Pagode Baiano, o que são costumeiramente confundidos.

No segundo capítulo é apresentada a história do É o Tchan, quando surgiu destacando que os artistas se tornaram o grupo conhecido nacionalmente. Analisaremos as transformações ocorridas ao longo da trajetória do grupo, seus elementos e traços estéticos. Na sequência, abordaremos os impactos causados pelo sucesso na década de 1990, além do legado artístico que o grupo deixou e suas contribuições para a música e a dança de hoje.

No terceiro capítulo é registrado um breve relato das minhas vivências na dança, a relação da minha trajetória com o grupo É o Tchan, como o grupo teve influência na minha vida artística, bem como, a motivação que me levou querer me profissionalizar na área da Dança. Analisaremos também a importância da pesquisa a partir das minhas relações pessoais, e como ampliar essas relações para uma coletividade.

Espera-se que essa pesquisa possa contribuir para o fortalecimento e crescimento dos diversos campos de pesquisa em Dança. Especificamente, apresentar ideias e reflexões que grupos e gêneros musicais de diversas origens têm significativos impactos nas vidas das pessoas que estão inseridas no mesmo contexto, revelando novas possibilidades de entendimentos sobre a grande diversidade cultural brasileira.

CAPÍTULO 1 - UM PANORAMA CULTURAL DA BAHIA

A região do que hoje é o estado da Bahia foi o primeiro lugar em que os colonizadores aportaram no que viria a ser o Brasil. Sua formação histórica, portanto, tem pelo menos cinco séculos de trajetória. A cultura do estado da Bahia como conhecemos hoje, é resultado das interações entre diversos povos. Desde a invasão do território, os portugueses impuseram seus traços culturais e sociais sob os povos originários que aqui estavam. Além disso, os europeus trouxeram forçadamente muitas pessoas do continente Africano originários de povos diversos e distintos, para trabalhar de forma escrava. Apesar de toda violência e tentativas de apagamentos dos povos subjugados, estas relações geraram uma cultura rica e diversa. “A cultura baiana tem como matrizes étnicas mais importantes a lusitana, a banto e a ioru-bana, além da presença significativa de traços indígenas tupis, espanhóis e galegos. (LIMA, 1976; BACELAR, 1989; RISÉRIO, 1993; apud BIAO, 1998, pg. 24).

Sem dúvidas, com a chegada dos escravizados africanos à Bahia, diversas manifestações culturais foram introduzidas, como músicas, danças, culinárias, religiões, além de diversos costumes. As raízes da música e da dança na Bahia, estão fortemente ligadas às tradições africanas e as dos povos originários. Neste último, suas danças incorporam movimentos que celebram a natureza e tradições ancestrais. Essas danças baianas são formas de expressões culturais que preservam a história e as tradições do povo baiano.

Na Bahia, desde o século XVI, tem-se notícia da existência do povo Pataxó. Estes vivem na região de Monte Pascoal localizado em Porto Seguro-BA, às margens dos rios Caraíva e Corumbau. Foi essa a primeira terra avistada pelos Portugueses durante a colonização. As danças realizadas do povo Pataxó são para celebrar a vida, a natureza e a comunidade. Silva (2018, p.31) diz que, em geral, os povos originários de diferentes etnias, dançam em círculo, com joelhos flexionados, tronco curvado, batendo os pés no chão marcando o ritmo da música.

Partindo para outros tipos de rituais também importantes e que fazem parte da história e cultura do Brasil, destacamos o Toré, ritual praticado pelos povos

Pankararu³ e Xukuru⁴, é conhecido como símbolo da resistência indígena. Silva (2018, p 32) relata:

O toré também incorpora práticas religiosas secretas, onde só os índios participam. É realizado em espaço aberto tanto por homens quanto por mulheres que se organizam circularmente e giram em torno do centro e também de si próprio, pisando fortemente o solo, marcando o ritmo da dança, acompanhado pela maracá e algumas vezes pelo tambor, ao comando do líder do grupo.

(SILVA, 2018,p.32).

Além do Toré, há outros tipos de danças e celebrações dos povos originários presentes na Bahia. A dança dos Guerreiros representa a bravura e resistência, em homenagem à cultura Guerreira dos povos. Seu significado é a força, a união, e a luta dos povos ao longo da história. A dança da criação é uma forma de contar a história da criação do mundo e da humanidade através de mitos e lendas. Tem como significado a transmissão de conhecimento e valores, o que reforça a conexão com a natureza. A Dança do fogo, envolve movimentos em torno do fogo, simboliza a purificação. Seu significado é a busca por espiritualidade. Dança das flores, celebra a natureza, uma vez que, os dançantes imitam o crescimento e a beleza das flores. Tem como significado a importância da terra. A dança de iniciação, são rituais de passagem, os povos narram a transição de jovens para a vida adulta. Seu significado é o fortalecimento dos laços comunitários e a continuidade das transições que são executadas por etapas. Essas danças e rituais são importantes para a preservação da identidade cultural e da história dos povos originários.

Para Silva (2018, p. 31) a música, o canto e a pintura corporal, certificam o significado das danças, evidenciam as relações da comunidade com seus antepassados e a natureza, solidificando os vínculos que alimentam suas tradições culturais e identidade. Assim como acontece dentro da cultura afro-brasileira, fundamental para a formação da identidade brasileira.

Quando mergulhamos nas raízes das danças na Bahia, estas estão fortemente ligadas a religiosidade dos povos trazidos da África. O Candomblé é uma das principais religiões de matriz Africana introduzidas no país. Uma de suas

³ A etnia Pankararu guarda uma cultura própria cercada de mitos e magia, e pratica rituais religiosos como o Menino do Rancho, a Corrida do Imbu, a Mesa de Cura, e o Toré. (Wikinativa/Pankararu, 2023)

⁴ Os Xukurús são um grupo de indígenas Brasileiro, que habita a Serra do Ororubá, no estado de Pernambuco, seu ritual é o Toré. (wikipedia, 2024)

principais características são os rituais para homenagear os Orixás⁵ e os movimentos que expressam devoção e conexão espiritual. De acordo com Sant'ana (2015, p. 09), os terreiros de Candomblé preservam a memória dos ancestrais, os rituais e a língua de cada nação. Esses terrenos onde acontecem as manifestações, são considerados sagrados, pois no seu centro está enterrado o Axé⁶ da casa.

As danças iniciam a noite, ao som do atabaque⁷, no salão há lugares para as autoridades seguindo a hierarquia⁸, enquanto que, para a comunidade, aos assistentes e aos visitantes, são disponibilizados bancos que compõem um círculo grande (AMARAL 2001, p. 193). A autora descreve ainda que cada divindade possui seu jeito de dançar: uns com movimentos repetitivos, outros apostam em movimentos mais ousados com saltos e piruetas. Através da dança os crentes incorporam a divindade, e passam a ser instrumentos, combinando um diálogo entre os Deuses, os homens e a natureza (AMARAL, 2001, p. 193). Os Orixás estão ligados às rotinas cotidianas da cidade de Salvador, desde suas ruas até a preparação das comidas, e essa é uma das formas que este traço da cultura africana continua a ser preservado no Brasil.

O Batuque também é uma expressão cultural trazida pelos africanos escravizados para o Brasil. Uma das poucas manifestações que foi permitida aos escravos. Ele contribuiu fortemente para o desenvolvimento do samba. Suas músicas são baseadas em instrumentos de percussão, como tambores, atabaques e pandeiros e é caracterizado por ritmos marcados, intensos e danças vibrantes. As danças do Batuque eram realizadas em roda e os dançantes se revezavam no centro exibindo passos e movimentos, incluindo cantos e respostas, seguido de um coro. Doring (2004, p.71), traz em seu texto relatos observado por Koster:

⁵ Os orixás são divindades veneradas nas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, que têm suas raízes nas tradições religiosas dos povos iorubás da África Ocidental, são intermediários entre o mundo espiritual e o mundo material. (SILVA, 2011, p. 66,67).

⁶ Axé no candomblé é uma força vital, oferece harmonia entre o corpo, o meio tanto terreno, e também espiritual. Pode ser representado por um objeto, ou ser carregada com a energia dos espíritos homenageados. (ALVES, CARVALHO, FERREIRA, 2019, p. 362, 363).

⁷ O atabaque, instrumento de percussão usado em cerimônias afro-brasileiras, pode também ser frequentemente encontrado nas rodas de Orixás são divindades, da religião afro-brasileira, representam forças da natureza e aspectos da vida humana, são e capoeira. (FONTOURA, GUIMARÃES, 2002, p.148).

⁸ Hierarquia se dá principalmente com base em todos os ensinamentos durante a jornada dentro de uma determinada casa de candomblé, são organizadas de acordo com os cargos definidos, iniciando a partir dos que sabem mais, ou seja os que possuem mais experiência como Babalorixá (pai de santo) e Iyalorixá (mãe de santo), depois os Ogãs (assistente), filhos e filhas de santo (são os iniciantes), os Alabês (músicos), e por último os Acarajés (pessoa que prepara os alimentos sagrados). (LUÍS 2018 *apud* DAMASCENO 2019, p.15).

O círculo se fechava e o tocador de viola sentava-se num dos cantos, e começava uma simples toada, acompanhada por algumas canções favoritas, repetindo o refrão, e frequentemente um dos versos era improvisado e continha alusões obscenas. (KOSTER *apud* DÖRING 2004, p.71).

Doring ainda cita um relato observado por Koster, que faz referência às características musicais do Batuque: “o refrão repetido e a improvisação dos versos, o Batuque influenciou diretamente o desenvolvimento de outros gêneros musicais, como o Samba e o Axé”(DÖRING 2004, p. 71).

A mistura dos elementos musicais como o atabaque, o berimbau e a sanfona, se deu ainda lá no Recôncavo Baiano⁹, local onde se instalaram os primeiros colonizadores. Além disso, a interação com outras formas de música e dança, como o lundu e a capoeira¹⁰, ajudou a moldar o samba baiano em sua forma única. Desta forma, o samba na Bahia tem origem nas tradições africanas trazidas pelos escravizados durante o período colonial.

O samba é uma parte essencial da identidade cultural brasileira e baiana, celebra a diversidade e a resistência do povo, se tornou um símbolo importante do Brasil. O samba é a alma do Carnaval brasileiro, um dos maiores e mais famosos festivais do mundo, assim, as escolas de samba realizam desfiles animados e criativos.

O samba ganhou fãs fora do Brasil e é reconhecido mundialmente. Festivais de música internacionais costumam incluir artistas de samba, e muitos músicos de outros países misturam o samba em suas músicas, ajudando a espalhar o gênero pelo mundo. Inclusive o samba foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - Unesco¹¹, em 2005.

⁹ O Recôncavo Baiano é uma região geográfica e culturalmente rica, localizada no leste do estado da Bahia, na região da Baía de Todos-os-Santos, onde fica localizada a Região Metropolitana de Salvador. É conhecida por sua importância histórica, econômica e cultural durante o período colonial brasileiro.

¹⁰ A capoeira foi uma invenção do negro na África, como forma de dança ritualística, com o processo do colonialismo, e a chegada dos negros escravos originários da África, a capoeira apareceu como forma de defesa pessoal contra seus opressores do engenho. (SANTOS, 1990, *apud* FONTOURA, GUIMARÃES, 2002, p. 142).

¹¹ A Unesco é uma agência da Organização das Nações Unidas (ONU) fundada em 1945 que tem como objetivo a cooperação internacional para o desenvolvimento nas áreas da saúde, da cultura e da educação.

O gênero musical é um conjunto de composições que apresentam características semelhantes, como ritmo, temática, estilo e instrumentação. Há ainda os subgêneros, que são variações de um estilo, como o pop rock e o techno-brega, por exemplo. Eles reúnem elementos de dois ou mais gêneros. Portanto, dentro da diversidade cultural encontramos vários gêneros musicais, e dentro do mesmo gênero musical também há diferentes estilos. Dessa forma, além do samba tradicional, outro estilo de samba que surge na Bahia é o samba de roda. Essa forma de samba é uma fusão de tradições musicais africanas com influências locais, resultando em uma expressão cultural única que combina música, dança e poesia.

Caracterizada por uma roda de dançarinos que revezam em improvisações ao som do atabaque e do pandeiro, Döring (2004, p. 73) considera que o Samba-de-roda é um criador de música, pois o gênero não possui uma estrutura definida. O autor destaca ainda que se trata mais da vontade de dançar, cantar e de tocar, por meio de objetos disponíveis que façam o ritmo do samba.

No século XIX, o Samba de Roda começou a se destacar fortemente e ganhar muita popularidade por meio de festas e celebrações comunitárias. Esses momentos de encontro, em que a música e a dança eram formas de expressão e identidade das comunidades afro-brasileiras, permitiram que o samba de roda se espalhasse por outras regiões. As rodas de samba são um espaço de encontro para as pessoas dançarem, cantarem e celebrarem. Döring descreve como acontecem esses encontros:

O samba-de-roda na região metropolitana de Salvador, no Recôncavo e nos interiores mais distantes da Bahia assume características musicais distintas entre si, as quais não foram pesquisadas suficientemente. Na cidade de Salvador, as práticas do samba englobam estilos populares diversos e coexistem com formas tradicionais, sendo que estas também são incrementadas por contribuições espontâneas - efêmeras ou não - na coreografia, nos ritmos, nos cantos, na escolha dos instrumentos e timbres. (Döring 2004, p.72).

Não podemos falar de cultura baiana sem falar da festa símbolo da cultura nacional. O Carnaval começou há cerca de 10.000 anos no Egito, Grécia e Roma, com celebrações dedicadas a deuses, deusas e santos. No antigo Egito era utilizado em rituais agrícolas para evitar demônios e garantir boas colheitas. Durante a Idade Média, se tornou popular na Europa, particularmente na Itália e na França. No Brasil, o festival do "entrudo", introduzido pelos colonizadores portugueses durante o

século XVI, era caracterizado pelo caos e violência, com pessoas jogando água, farinha, lama e até urina. À medida que os eventos ocorriam, as festividades se tornaram mais intensas, no jogo começaram a introdução de massa de areia e borrachas aromatizadas.

No século XX, o Carnaval se transformou em um evento de grande escala, com desfiles de escolas de samba, blocos de rua e festas em clubes. O Carnaval é uma das manifestações culturais mais emblemáticas do Brasil. Este evento atrai milhões de pessoas, tanto locais quanto turistas, e é celebrado em várias partes do país, cada uma com suas próprias tradições e características.

O carnaval na Bahia é muito forte e representativo, influenciando a forma de outras regiões em celebrar o carnaval. Além de se tornar palco para vários artistas, desde músicos, passando por dançarinos e artistas plásticos. A festividade atrai turistas, e impulsiona a economia local, gera empregos temporários no turismo, no comércio e serviços, além de promover a união de grupos sociais e fortalecer a identidade cultural.

Um traço característico dos carnavais de Salvador são os trios elétricos. Foram inventados por Dodô e Osmar¹² em 1950. O Trio Elétrico criado por Dodô e Osmar surgiu desta forma: De acordo com VARGAS (2014, p. 190) transportaram seus instrumentos (Guitarra Elétrica, cavaquinho eletrificado e amplificadores portáteis, criado por eles), em um veículo ornamentado com apetrechos carnavalescos e dirigiram-se ao coração da cidade. Essa criação chamou a atenção de numerosos foliões das classes populares, que se reuniram na rua de Salvador-BA, para verem o Trio Elétrico passar.

Outro elemento característico do carnaval de Salvador são os blocos carnavalescos. Após a criação do Trio Elétrico, novos grupos surgiram aderindo à ideia de Dodô e Osmar. Marcelo Oliveira relata em seu texto, descrito por Milton Moura relata que, (MOURA, 2001 apud OLIVEIRA, 2016, p. 7) os blocos de trios surgiram, em um contexto em que o carnaval de Salvador passou a apresentar uma variedade de expressões culturais, incluindo afoxés, trios elétricos e diversas modalidades de blocos. A princípio, essas formações não eram designadas como blocos de trios. Eles eram apenas blocos carnavalescos que se apresentavam ao lado de bandas de sopro e percussão. “Esses blocos passaram a ser o espaço

¹² Adolfo Antônio do Nascimento (Salvador, Bahia, 1920 – Idem, 1978) e Osmar Álvares Macêdo (Salvador, Bahia, 1923 – Idem, 1997). Músicos, inventores, técnicos de som. Pioneiros no uso difundido da amplificação sonora em cortejos de Carnaval motorizados, é atribuída a eles a criação tanto do cavaco elétrico, protótipo da guitarra baiana. (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2023).

preferido para a diversão do turista que vinha à Bahia na época do carnaval, e o apoio de patrocinadores públicos e privados viabilizou a consolidação desse modelo de carnaval.” (GUERREIRO, 2000, apud OLIVEIRA, 2016, p.74). Desta forma, os turistas, assim como os baianos, podem se juntar aos blocos, vestir fantasias e aproveitar a música ao vivo, criando uma experiência única e memorável.

Outros gêneros foram originados do Recôncavo Baiano, como: o Ijexá, a Chula, o Samba-reggae, o Arrocha, o Axé music, e o Pagode, iremos abordar sobre cada um deles em seguida.

Sobre o Ijexá, Pereira (2020, p 06) explica que esse ritmo, proveniente da Matriz Africana, é utilizado nas cerimônias religiosas do Candomblé, para homenagear os Orixás. Interessante notar que o Ijexá é tocado por instrumentos de percussão, como atabaques e agogôs e seu ritmo é a base musical das apresentações dos blocos de afoxés. Estes são blocos de carnaval de Salvador que possuem música típica dos frequentadores dos terreiros de Candomblé que queriam uma música própria, característica de sua expressão religiosa. Os Afoxés são conhecidos por suas apresentações vibrantes com cânticos iorubá¹³ e trajes coloridos. Ambos são expressões da cultura afro-brasileira e desempenham um papel importante na preservação e celebração das tradições africanas na Bahia.

Enquanto que o Samba Chula possui algumas particularidades. Döring (2004, p 85) afirma que a Chula tem origem na cultura Portuguesa e passou por modificações ao chegar no Brasil e aqui ganhou características diversas a depender da região. O Samba Chula é um gênero que é cantado em forma de diálogo entre os participantes, possui em suas letras temas que refletem a vida cotidiana, a cultura e as tradições da região. Possui, ainda, um estilo poético e improvisado, chamado de “Chula”. Sua estrutura de chamada e resposta, tem o cantador que executa uma linha melódica e os outros participantes respondem em coro.

O Samba Reggae surgiu na Bahia na década de 1980, ele é uma fusão entre o Samba tradicional e o reggae, também incorpora elementos do Afoxé e Ijexá, nascendo nos contextos dos blocos afros de Salvador na Bahia. O samba-reggae, segundo Roberta Portugal, gerou uma intensa agitação musical em Salvador, a qual se espalhou por todo o território brasileiro, descrita por Guerreiro:

¹³ Os cânticos em iorubá estão ligados às tradições religiosas e culturais do povo iorubá, da África Ocidental, especialmente da Nigéria. No Brasil, esses cânticos foram mantidos e adaptados nas religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda. Eles servem para evocar e homenagear os orixás, que são divindades relacionadas à natureza e à vida humana.

Em 88, a mídia anunciava que em Salvador os blocos afro haviam inventado o samba-reggae, um novo ritmo que mesclava o samba duro com reggae jamaicano, transformando a música em bandeira política com força suficiente para barganhar cidadania para o negro baiano, chamando atenção para a vitalidade da cultura negra na Bahia (GUERREIRO apud PORTUGUAL 2017, p 305).

A autora caracteriza esse estilo musical como um gênero que emergiu nos blocos afro carnavalescos de Salvador durante os anos 1980. Este ritmo é distintivo pela ênfase na cultura afro-brasileira e pela fusão de ritmos sagrados, como os do candomblé, com ritmos sem vínculo religioso. Assim destaca Pereira:

É em meados dos anos oitenta que a música percussiva produzida pelos blocos afros, o samba-reggae e o ritmo ijexá dos terreiros de candomblé são incorporados ao repertório das bandas de trio, através de letras que celebram o universo negro. Saindo dos guetos soteropolitanos para ocupar um lugar central no cenário musical baiano, e, posteriormente, se constituir como um pólo criativo da música do Brasil. (PEREIRA, 2010, p. 02).

Com o passar do tempo, outras formas de música e dança começam a surgir na Bahia. Nas décadas de 1980 a 1990, o Pagode Baiano, vertente do samba, tornou-se popular trazendo novas coreografias e ritmos, destacados por sua energia contagiante. Em seguida surge o axé music como uma marca referencial do carnaval baiano. Contudo, iremos abordar o gênero Arrocha, que surgiu depois desses dois últimos para um melhor entendimento dos objetivos aqui propostos.

O Arrocha surgiu no início dos anos 2000, também na região do Recôncavo Baiano, especialmente em cidades como Candeias¹⁴ e Santo Amaro.¹⁵ Ele nasceu como uma ascensão do brega e do forró, incorporando elementos do sertanejo e do pagode romântico. O gênero rapidamente se destacou por suas letras tocantes e melodias envolventes, que falam sobre amor, desilusão e relacionamentos. Possui um ritmo acelerado marcado pela combinação da sanfona, do violão e de percussão. Tornou-se um fenômeno nas festas e eventos sociais da Bahia e também no carnaval. Embora o axé seja o gênero predominante no carnaval de Salvador desde 1980, o arrocha também encontrou seu espaço a partir dos anos

¹⁴ Candeias Localizado na Região Metropolitana de Salvador, Candeias é um município da Bahia que se destaca pela produção de cafés finos. (Wikipédia CANDEIAS, 2024)

¹⁵ Santo Amaro, Localizada no Recôncavo Baiano, é uma cidade rica em cultura e tradições, que refletem a influência da herança africana e a miscigenação de culturas. A cidade tem uma geografia diversificada e rica em recursos naturais. (Wikipédia, Santo Amaro, 2024).

2000. A aceitação do arrocha no Carnaval de Salvador foi impulsionada por artistas que começaram a incorporar elementos do gênero em suas músicas de axé e pagode. Ainda sobre suas origens destacam os autores: “O Arrocha é identificado como um produto das massas populares, estruturalmente consolidado pela força da periferia, do subúrbio e da classe trabalhadora.” (MORIN, apud BRITO, 2019, p. 21)

Quanto ao Axé Music, este surgiu na Bahia, também na década de 1980 na cidade de Salvador. O termo vem de uma saudação religiosa de origem africana, e tem o significado de “energia positiva” e “força vital”. Pereira (2010, p 1), diz que o conceito de 'Axé Music' foi introduzido pelo jornalista Hagamenon Brito¹⁶, que utilizou o termo de maneira pejorativa para caracterizar esse novo gênero musical emergente em Salvador, o qual estava conquistando reconhecimento global.

Para categorizar esse novo som que surgia nas rádios e ruas de Salvador, a imprensa local popularizou o termo do gênero de axé music, que era uma versão popular do samba-reggae. Pereira (2010, p 02) diz que o axé music não é um gênero musical, mas sim um termo que é utilizado como etiqueta comercial para classificar uma vertente da música baiana que mistura ritmos diferentes. Com ritmos afro-brasileiros, sua popularidade ficou associada aos trios elétricos, trazendo um novo elemento à cultura baiana.

(PEREIRA, 2010, p. 02) destaca ainda que o Axé Music é a mistura dos ritmos, como o frevo, o fricote, o galope, o merengue e a salsa com o samba-reggae, e da presença de ritmos oriundos da religião do candomblé .

Com o grande alcance, o axé music é atualmente um termo utilizado como forma de classificar os artistas e a música carnavalesca de Salvador. Os grupos que se dedicam a esse gênero musical geralmente são compostos por artistas negros e se destacam por coreografias elaboradas em suas performances e pela vestimentas.

O Axé Music desempenha um papel fundamental no Carnaval da Bahia, sendo um dos principais elementos que impulsionam a festa e a cultura local. O Axé Music é a música que impulsiona o Carnaval de Salvador. Com suas batidas alegres e letras festivas, ele cria um clima de celebração. Com relação às diferenças entre o Axé music e Pagode, podemos destacar que, o Axé music está associado aos trios

¹⁶ Hagamenon Brito nascido em 1959, é um dos críticos musicais mais conhecidos e respeitados da Bahia, é editor de cultura do jornal CORREIO-BA, criador da expressão "Axé Music" em 1987, a qual se refere ao movimento musical que emergiu na Bahia em 1985, com o álbum 'Magia', de Luiz Caldas. Inicialmente, esse estilo foi considerado de forma negativa, contudo, posteriormente, conquistou a aceitação dos produtores e músicos associados ao gênero.

elétricos, com suas coreografias vibrantes, enquanto que o pagode aparece em blocos de rua, e é mais focado em batidas dançantes e envolventes.

Da mesma forma que o samba possui vários subgêneros no pagode também surgem diversos subgêneros: o pagode raiz, o pagode romântico, o pagode universitário, e o pagode eletrônico e dentre tantas vertentes, há, também, o pagode baiano.

O termo genérico “pagode” remete a uma rede de significados histórico-culturais originários do samba e dos batuques de herança africana no Brasil. Enquanto estilo musical refere-se às suas várias facetas, tendo em vista que esse gênero sofreu modificações ao longo do tempo na música popular brasileira e caracteriza-se como um produto cultural hibridizado situado entre o local e o global. O termo pagode é também usado com referência à ideia de socialização e espetáculo, à dança e à diversão, aos espaços onde ele acontece, às identidades, origens e tradições. (NASCIMENTO 2008, p 1).

Nascimento (2008, p. 1) relata ainda que, o conceito de pagode é igualmente associado à noção de interação social e performance, à dança e ao entretenimento, aos locais em que se realiza, bem como às identidades, raízes e costumes.

O pagode baiano surgiu no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 na Cidade de Salvador, Bahia. É um estilo musical animado que fala sobre festas, amor e o dia a dia. Ele usa instrumentos do samba, como cavaquinho e pandeiro, além de percussão marcante, como surdo. O pagode baiano teve um grande impacto na música brasileira, alçando esse traço da cultura baiana a nível nacional e até internacional. Ele influenciou outros estilos musicais e continua popular em diversos tipos de festas.

Com a mistura do pagode com o axé e o samba, o grupo É o Tchan, devido a sua popularidade, abriu portas para novos artistas e grupos, incentivando uma nova geração de músicos a experimentarem essa fusão de gêneros. Essa influência também contribuiu para a consolidação do pagode como um gênero musical de grande importância no cenário musical nacional.

CAPÍTULO 2 - É o TCHAN!

De acordo com LEME (2003, p. 396) O Grupo É o Tchan, inicialmente conhecido como Gera samba, surgiu em Salvador-BA, no final dos anos 1980. Em sua primeira formação, o grupo era composto por dez músicos, todos homens e alguns já se conheciam desde a época de escola. Contudo, durante as pesquisas não foram encontradas fontes com os nomes de todos esses componentes, apenas os nomes de alguns que ainda hoje atuam, tais como: Washington Luiz Silva Santos-1962 (Compadre Washington) e Roberto Pereira dos Santos-1965 (Beto Jamaica). Mas sabe-se que dois desses dez saíram para fundar outro grupo, o Terra Samba.

Em seu início, o grupo se apresentava em bares e em clubes de Salvador-BA. Apesar disso, muitos mantinham empregos paralelos para garantir suas rendas para o sustento. No final dos anos 1980, em uma ocasião na porta do Colégio Central de Salvador, instituição em que alguns deles foram alunos, eles se reuniram para tocar pagode. Um empresário vendo a cena, convidou-os para fazer uma música e eles aceitaram. Após isso, gravaram seu primeiro disco, e fizeram sucesso. Mas o que os catapultou para fama foi no lançamento do segundo disco com a música “Segura o Tchan”. Em 1997 o grupo passou a se chamar É o Tchan, nome de música de maior sucesso.

Beto Jamaica começou a curtir a folia desde a infância, nos blocos de carnaval na capital baiana, iniciou sua carreira no bloco afro Afoxé, depois nos blocos Muzenza, e Ilê Aiyê. Em entrevista ao Portal de Notícias Globo (G1), Beto Jamaica lembra um dos momentos de sua trajetória: “Eu comecei tocando percussão nos blocos de Índio, como Pena Branca. Minha trajetória como músico, cantor e compositor veio daí” (G1 2022).

O vocalista Compadre Washington, assim chamado, devido a uma brincadeira de Beto Jamaica, que disse que ele virou compadre e deu esse nome a ele. Costumava curtir o carnaval atrás do trio elétrico, nos blocos Mercadores de Bagdá, Filho do Sol, Filho do Mar, Come Lixo e A Noite é Nossa. Começou sua carreira em grupos de Samba e Pagode, onde desenvolveu suas habilidades, mas logo se destacou no cenário do Axé Music, se tornando um dos rostos mais conhecidos do É o Tchan.

Washington conta em entrevista para o Portal de entretenimento o GShow, como aconteceu a formação do grupo com Beto Jamaica, logo após ser expulso da banda, no mesmo dia que entrou. relembra Compadre Washington:

Eu e meu irmão tínhamos acabado de ser dispensados de uma banda. Eu estava chorando na Praça da Sé, em Salvador, e chegou o Beto querendo saber o motivo. Quando contei, ele disse: 'Não tem problema. Vamos fazer um grupo? Tenho uma banda pronta, vou assumir com você'. (GSHOW 2015).

Com o grupo formado, tempos depois decidiram incluir dançarinos. Primeiro veio Edson Cardoso (Jacaré), seguido de Débora Brasil e Carla Perez, compondo a formação inicial do grupo Gera Samba.

Um dos componentes mais icônicos do grupo era Edson Cardoso, o Jacaré. Homem negro de grande porte e com seu largo sorriso espalhava simpatia. Em uma festa, na cidade de Salvador, onde o Gera Samba estava tocando, o então Edson Cardoso, dançou com bastante desenvoltura as músicas do grupo. Isso chamou a atenção de Beto Jamaica, que o convidou para que ele subisse no palco e dançasse com o grupo. Ele aceitou e não demorou muito para que Edson tornasse o mais novo componente da banda.

Sua infância não foi nada fácil, filho de uma família de classe média de Salvador-BA, Edson nasceu com uma atrofia de três centímetros na perna esquerda, e teve que fazer o uso de bota ortopédica até os oito anos de idade. Depois de formado, os caminhos os levaram a dançar e quando se deu conta já estava dançando nos palcos de todo o Brasil, com uma legião de fãs que imitavam seus passos e gritavam pelo seu nome. Edson, quebrou muitos estereótipos, pois não era comum homens requebrando naqueles anos. Em entrevista para o site folha Uol (2020), Jacaré relata como era o preconceito que sofria e como surgiu o apelido que se tornou sua marca:

Quando fiquei famoso, teve muito o fato de acharem que era gay por estar rebolando, pelo fato de as pessoas acharem que só o homem gay pode rebolar e remexer". Edson ganhou o apelido de jacaré por conta de uma situação, certa vez a sola de seu sapato soltou e o bico do calçado ficou parecido com a boca de um jacaré, foi então que ganhou o apelido inusitado. (FOLHA UOL, 2020)

Ainda em 1994, decidiram incluir duas dançarinas para performar as coreografias. Débora Brasil, que já participava do grupo Ilê Aiyê, juntamente com

Beto Jamaica, também participava dos ensaios do grupo Gera Samba, pois era muito fã deles. Ela, então, foi convidada para fazer parte do grupo.

Foi no clube D'Itália, localizado no centro de Salvador-BA, durante um ensaio aberto do grupo, que os admiradores podiam participar desses momentos, que Carla Perez, por conta do seu rebolado, foi convidada a subir no palco. Diante disso Cal Adan (Empresário responsável pelos shows), percebeu que seria uma boa estratégia cênica, ter no grupo uma “loira”, dançando com uma “morena”, iniciando então a formação do grupo.

Nascida em Salvador, Carla desde pequena já demonstrava interesse pela dança e pela arte, participando de grupos de dança e teatro, na escola. A paixão pela dança a levou a se envolver em diversos projetos artísticos, e, depois, em companhias de dança da Bahia. Sua arte a levou às suas primeiras experiências na televisão, participando de programas de dança e apresentando em eventos locais, o que a ajudou a ganhar popularidade e a ser notada por produtores, que viram seu talento e carisma. Mas, a grande virada na carreira de Carla Perez aconteceu em 1995, quando ela foi convidada para ser uma das dançarinas do grupo de axé "Gera Samba". Sua energia e talento rapidamente a tornaram uma das figuras mais populares do grupo. Carla ficou no grupo até o ano de 1998, abrindo espaço para um novo concurso: “A nova loira do Tchan”.

Mesmo com a mudança de nomes, isso não afetou sua popularidade devido aos sucessos produzidos ainda quando eram Gera Samba, se adaptando cada vez mais ao mercado do show bizz¹⁷, Nascimento destaca:

O grupo que já vinha se destacando no cenário local, lotando as casas de espetáculo onde se apresentava, passava, naquele momento, pela mediação de produtores antenados às demandas do mercado consumidor e às tendências globais do show bizz. (NASCIMENTO, 2010, p. 67)

A partir deste momento o grupo foi se destacando cada vez mais, com a implantação das tendências, através das capas de CDs e dos videocliques, que tinham um papel importante para a divulgação da marca do grupo.

A Primeira aparição do grupo, ainda como Gera Samba, foi em 1995 no programa Raul Gil. Além dos concursos promovidos através da Televisão Brasileira,

¹⁷ Show bizz é uma expressão inglesa que significa “indústria do entretenimento”. É uma abreviação de “show business” e é utilizada de forma informal. A indústria do entretenimento envolve várias áreas, como a criativa, que inclui artistas, compositores e músicos, e a financeira, que inclui empresários, produtores e distribuidores. (WIKIPEDIA, 2024).

o grupo fazia muitos shows, e apresentações em diversos programas de TV, principalmente em emissoras de grande audiência como Globo e SBT. Foi em uma das edições do Programa Domingo Legal, apresentado por Augusto Liberato (Gugu), no ano de 2000, que o grupo recebeu o certificado de disco de platina por mais de 125 mil cópias vendidas pela Universal Music. O hit "Tribotchan" foi a música mais apresentada e as aparições em programas de TV tornaram-se ainda mais frequentes, principalmente no "Domingo Legal", "Planeta Xuxa", e no programa do Faustão¹⁸.

Em 1997, a morena Débora Brasil teve que sair do grupo devido um rompimento dos ligamentos do joelho por conta dos treinamentos intensivos de dança. Assim, foi promovido um concurso para eleger a nova morena do Tchan.

Scheila Carvalho que começou na dança ainda criança, aos quatro anos de idade, fez balé e jazz, na adolescência trabalhou, também, como professora de lambada em uma academia de sua cidade natal, Juiz de Fora-MG, frequentou aulas de teatro. Em 1997, através do incentivo dos familiares e amigos, se inscreveu no concurso "A nova morena do Tchan", para substituir a dançarina Débora Brasil. Na fase eliminatória, tiveram mais de 2.500 mil concorrentes inscritas. Sheila chegou a final em 03 de agosto de 1997, no programa Domingão do Faustão. A morena ganhou com a porcentagem de 59,9% dos votos e estreou oficialmente no grupo em 21 de agosto do mesmo ano.

Em uma coluna (famosos) no Jornal Daqui¹⁹ do Tocantins, publicado em 03 de agosto de 2017, edição de Lucas Xavier, o escritor relembra momentos do concurso e destaca:

Esqueça Copa do Mundo, reality show ou qualquer outra competição. Se teve uma disputa que abalou os anos 1990 foi o concurso para eleger quem seria a nova 'morena do Tchan'. E a grande final ocorreu no palco do "Domingão do Faustão" (JORNAL DAQUI, 2017).

Enfatizando a importância e a grande repercussão desse acontecimento, que na época elegeu Scheila Carvalho Ladeira, que ficou no grupo até 2005.

Um reflexo do sucesso do grupo e de seus componentes foram as inúmeras vezes que foram estampados nas capas de revistas. Uma delas era a revistas de entretenimento erótico direcionada para o público masculino (a Playboy). As

¹⁸ Domingão do Faustão foi um programa brasileiro de auditório, produzido e exibido pela TV Globo nos períodos de 26 de maio de 1989 a 13 de junho de 2021, apresentado por Fausto Silva. (WIKIPEDIA, 2017)

¹⁹ O Jornal Daqui é um jornal brasileiro comercializado no estado de Goiás. É o mais vendido no estado e o quinto no Brasil, de acordo com a Associação Nacional de Jornais, em 2015. (WIKIPEDIA, 2015)

dançarinas do grupo fizeram alguns ensaios fotográficos, gerando grande repercussão na mídia e consolidando a imagem de beleza e sensualidade com suas aparições na Playboy, que era o sonho de muitas mulheres, mas não bastava querer haviam alguns quesitos para tal, pois quem era convidada a posar, eram as mulheres reconhecidas pelo público, bonitas e sensuais, e as famosas recebiam uma porcentagem por exemplares, chegaram a receber grandes valores por seus trabalhos. Carla Perez tinha sua imagem muito associada ao carnaval e à festa, e seu ensaio na revista consolidou essa posição como uma das musas da época, foram vendidos cerca de 778,026 exemplares. Os ensaios ajudaram a reforçar a imagem do grupo e a atrair a atenção do público para as dançarinas de forma individual. O sucesso do grupo É o Tchan foi tanto que além da repercussão nas mídias, e as aparições em revistas famosas, o grupo foi recordista em vendas de discos e CD 's.

A década de 1990 marcou a transição do vinil e das fitas cassete para o CD no Brasil, trazendo mudanças significativas na indústria musical, na produção e no consumo de música. Nessa época, muitos álbuns de artistas populares foram lançados em CD, como o grupo é o Tchan que, neste período, lançou vários discos de sucesso. De acordo com Nascimento (2010, p 62) o grupo gravou dez CDs, com oito lançamentos nacionais, um internacional, e um remixado. A ideia foi conquistar a nova tendência da música eletrônica. Diante disso, o grupo sempre estava em busca de conquistar seu público, para atrair os jovens e adolescentes. Leme destaca:

Um dos grupos de maior venda de discos no período compreendido entre, aproximadamente, 1995 e 2000 foi o É o Tchan, que monopolizou junto com outros artistas baianos uma grande fatia do mercado, articulando elementos da música de tradição popular baiana com elementos da música pop internacional, seguindo a estratégia da indústria musical globalizada (LEME, 2003, p. 24).

De acordo com Lacerda (2016, p. 65), o grupo recebeu vários certificados, segundo dados obtidos no site da Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD).

Grupo É o Tchan		
Álbum	Qnt. de discos vendidos	Certificado

É o Tchan 1995	500 mil discos	2x Platina
Na cabeça e Na Cintura 1996	2 milhões de discos	2x Platina
É o Tchan do Brasil 1997	2 milhões de discos	2x Diamante
É o Tchan no Hawai 1998	1 milhão de discos	Diamante
É o Tchan na Selva 1999	750 mil discos	3x Platina
Tchan.com.br 2000	125 mil discos	Platina
Os 10 anos do É o Tchan 2005	50 mil discos	Platina

Certificação dos discos pela ABPD (LACERDA, 2016, p. 65)

Diante disso podemos notar que entre os períodos de 1995 a 2005, o grupo vendeu cerca de 7,0 milhões de discos no formato CD, suas músicas eram frequentemente tocadas nas rádios, nas festas, apresentações na televisão, e especialmente durante o carnaval, alcançando um enorme sucesso. Esse número chegou a mais de 10 milhões de discos vendidos, com 15 CDs, e 3 DVDs. Dessa forma, o É o Tchan não só conquistou o público com suas músicas e performances vibrantes, mas também alcançou um sucesso comercial significativo, refletido nas vendas de CDs e nas várias certificações recebidas ao longo de sua trajetória.

A agenda de shows do grupo eram intensas, durante o auge da carreira o grupo chegava a fazer de 30 a 40 shows por mês, e durante o período de carnaval esse número aumentava, devido a alta demanda nesta época. Já em relação ao cachê, o grupo recebia grandes quantias, que variavam por apresentação, dependendo da época, e do local. O período em que eles mais lucravam era o do carnaval.

É o Tchan também fez apresentações em outros países, contribuindo para a popularização da axé music fora do país. Na matéria do Jornal Folha de São Paulo em 1997, escrito por Isabel Flores, no Especial para a Folha, em Miami, onde o título do texto diz: “É o Tchan se apresenta neste fim-de-semana na cidade, Baianos mostram o ‘tchan’ para americanos em Miami.” Destacando que o grupo baiano irá mostrar todo o seu gingado aos Americanos. Em entrevista para o jornal, Beto Jamaica fala um pouco da importância, e demonstra empolgação para as apresentações.

A gente sabe como é importante trabalhar o mercado internacional. Aliás, esse é o sonho de todo artista, fazer sucesso no mundo todo”, garante Beto Jamaica, dizendo que trouxe na bagagem muita

música, dança e sensualidade. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1997).

Carla Perez Complementa:

Vou mostrar pra eles como se dança o 'tchan'. E não pára por aí, não. Tem ainda a dança do bumbum e a da cordinha, que eu tenho certeza de que eles vão adorar, afirma Carla Perez. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1997).

Nesta mesma época o grupo se apresentou no Chile, Buenos Aires-Argentina, e Miami. E ao longo do sucesso o grupo também se apresentou na Itália, Espanha, Uruguai e várias vezes em Portugal.

Um novo concurso aconteceu em 1998, transmitido novamente pelo Domingão do Faustão, apresentado por Fausto Silva na rede Globo de televisão, e mais uma vez o Brasil parou para ver quem seria a nova loira do Tchan, teve como finalistas Sheila Mello e Daniela Freitas, a vencedora foi Sheila Mello com a porcentagem de 62,9% dos votos, foi eleita para substituir Carla Perez. Sheila ficou no grupo até 2003, onde aconteceu um novo concurso para a transição de dançarinas loiras.

Sheila Mello também posou para a Playboy em 2000. Seu ensaio foi um grande sucesso e contribuiu para sua popularidade, tanto como dançarina quanto como modelo. Sheila se destacou não apenas pela dança, também pela sua beleza e carisma, o que a tornou uma figura muito admirada.

A relação do É o Tchan com a Playboy refletiu uma época em que a sensualidade feminina era amplamente explorada na mídia. Suas aparições nas publicações contribuíram para a construção de um ideal de beleza que era associado à dança, ao carnaval e à música, um exemplo de como a cultura da época estava interligada, com a música, a dança e a sensualidade.

Em 2000 o concurso foi promovido para eleger um novo vocalista do grupo, que iria substituir o vocalista Beto Jamaica, o concurso aconteceu no programa Domingão do Faustão. Renato Xistos dos Santos(Renatinho da Bahia), foi eleito com a porcentagem de 51,2% dos votos, em meio a 1.800 candidatos de todo o Brasil.

Em 2003 aconteceu outro concurso para eleger a "Loira do Tchan" foi um evento marcante na televisão brasileira, realizado no programa "Domingo Legal"²⁰,

²⁰ **Domingo Legal** é um programa de auditório brasileiro exibido pelo SBT. Estreou em 17 de janeiro de 1993 sob o comando de Gugu Liberato (*In Memoriam*)^[1]. Atualmente é apresentado por Celso Portiolli, que também é diretor-geral. (WIKIPÉDIA, 2020).

exibido pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), apresentado por Augusto Liberato, para escolher uma nova dançarina loira para integrar o time. O programa já era conhecido por suas atrações diversificadas, e por promover concursos e quadros interativos.

O concurso foi aberto a candidatas de todo o Brasil, que se inscreveram para participar, e aconteceu por etapas. Na seleção Inicial as candidatas enviaram vídeos ou se apresentaram ao vivo, mostrando suas habilidades de dança e carisma. Ao longo das semanas, as participantes iam sendo eliminadas através do público que votavam nas suas favoritas. A grande final foi marcada por apresentações ao vivo, as finalistas mostraram seu talento e se apresentaram para o público e jurados.

A vencedora do concurso foi Silmara Miranda, que se destacou por sua performance e carisma. Sua vitória não só a levou a se tornar a nova "Loira do Tchan", mas também a impulsionou para uma carreira de sucesso na televisão e na dança. O concurso para a "Loira do Tchan" foi um grande sucesso e ajudou a manter a relevância do grupo "É o Tchan" na mídia.

Em 2005 Scheila Carvalho anuncia sua saída e promove um novo concurso para eleger "A morena do Tchan", o concurso aconteceu no programa Domingo Legal no SBT, comandado ainda por Gugu Liberato, as dançarinas Aline Rosado e Juliane Almeida, empataram e o grupo decidiu eleger as duas no grupo "É o Tchan!".

O É o Tchan e seus concursos têm um grande impacto na cultura brasileira, sendo frequentemente mencionados em discussões sobre os anos 1990 e o início dos anos 2000, por ter marcado uma geração de fãs e seguidores, e por moldarem a indústria do entretenimento no Brasil, deixaram uma marca duradoura na cultura popular.

Apesar do sucesso de vendas do grupo ter sido mais intenso nos anos 1990, o legado do É o Tchan ainda permanece, e suas músicas continuam a ser lembradas e tocadas em festas e eventos, mantendo viva a lembrança de um grupo que conquistou muitos brasileiros.

2.1 Performances

De Certa forma podemos destacar que o grupo É o Tchan com suas músicas divertidas e contagiantes, conquistou tanto o público nacional quanto internacional, fazendo uma grande festa por onde passava, devido as suas músicas que são marcadas por uma série de características, como as batidas dançantes, os ritmos acelerados, dos arranjos de percussão, e instrumento de sopro. As músicas são acompanhadas de coreografias representativas, que dialogam com as letras, envolvendo movimentos sensuais. Lacerda (2016, p. 16) fala que as canções do grupo, incluíam referências de outras culturas, como a Havaiana, a Egípcia e a Japonesa. bem como as brincadeiras infantis, como o bambolê, a estátua e passar por debaixo da corda. Dessa forma, o grupo atingiu vários públicos e fãs.

Apesar do gênero do grupo ser o Pagode baiano/axé music, as músicas incorporam outros estilos como o samba, o reggae, e até mesmo o Rock, por esses detalhes que a torna única e acessível. As músicas apresentam refrões repetitivos, se tornando fáceis de cantar, o que facilita a participação do público. As letras abordam temas alegres e festivos

No entanto, o grupo também enfrentou críticas e controvérsias. Muitos críticos argumentaram que suas músicas e apresentações eram superficiais e estereotipadas, retratando uma visão simplista e exótica da cultura baiana. Além disso, as coreografias sensuais e as letras festivas foram alvo de críticas por parte de grupos conservadores.

As temáticas das músicas do É o Tchan, possui uma abordagem divertida, as letras giram na ideia da dança e movimento, com instruções simples e fáceis de seguir como: *“Por a mão no joelho, dar uma abaixadinha, ir descendo, balançando a bundinha”*. São também interativas e envolventes com a dança da cadeira, e da cordinha. A sensualidade é um tema presente nas letras, mas de forma descontraída, as letras também possuem metáforas e duplo sentido, características do Pagode baiano, que podem ser interpretadas de maneiras diferentes, onde a intenção é divertir e entreter as pessoas.

O grupo também utiliza trocadilhos e jogo de palavras, adicionando o elemento humorístico nas letras, como por exemplo a música “Segura o Tchan”, que pode ser entendida de mais de uma maneira. Ao abordar a dança e o corpo, muitas

vezes usam expressões que podem ser interpretadas de forma sugestiva, mas que, no contexto da música, visam promover a diversão.

A música do É o Tchan é conhecida por suas letras animadas, coreografias enérgicas e pelo estilo de dança característico que eles popularizaram, chamado de "dança do ventre", que envolve movimentos sensuais dos quadris e do abdômen. As canções frequentemente tinham letras com temas de festa, dança, amor e celebração, características do gênero axé music.

As Danças eram o principal atrativo das apresentações, pois o grupo sempre interagia com o público, incentivando as pessoas a dançar com coreografias simples e acessíveis. O grupo é conhecido por suas coreografias e danças energéticas e sincronizadas. Essas coreografias não são apenas movimentos, é uma forma de expressão artística que complementa a música, incluindo passos rápidos e movimentos que envolviam todo o corpo. Algumas coreografias possuem elementos da dança do ventre, e passos carnavalescos que misturam samba e pagode/axé.

Os aspectos de movimentos e expressividade do É o Tchan, são fundamentais para a identidade do grupo, pois são percebidas pelo público, portanto as coreografias são bem ensaiadas, e cada música contém uma coreografia específica, algumas coreografias possuem movimentos sensuais, evidenciando a estética do corpo. A forma como se movem ajudam a manter o público engajado e a expressividade é essencial para criar uma conexão com as pessoas. Para ajudar nas performances e na expressividade dos movimentos, o grupo incorpora acessórios como bandeiras e leques. Durante as apresentações os dançarinos possuem seu momento de destaque, possibilitando demonstrar suas habilidades e a expressividade de seus movimentos. A sincronização e a precisão dos movimentos, são uma característica do grupo, que por sua vez cria um espetáculo visual. As coreografias adaptadas ao ritmos da música, torna as performances mais cativantes, demonstrando a energia e a presença de palco.

As vestimentas e acessórios do grupo É o Tchan, são parte fundamental da sua identidade, as roupas são coloridas e vibrantes, demonstrando a energia das músicas e das danças. Os trajes incluem cores neon, e as estampas são diversificadas e ousadas. As roupas são projetadas para permitir os movimentos essenciais, como cropped e shorts que destacam com a coreografia, vestidos e saias que reproduzem movimentos com o ritmo da música.

Os acessórios incluem bijuterias grandes e brilhantes, que combinam com os trajes, às vezes usavam o cabelo com penteados como, tranças e coques com fitas

ou flores. Essas vestimentas e acessórios, refletiam no tema das músicas e das apresentações, no carnaval por exemplo, os trajes eram mais elaborados, seguindo os elementos típicos da festa, adicionavam penas e brilhos, e nos shows específicos que possuía um tema, o grupo adaptava as roupas para alinhar com a temática.

CAPÍTULO 03 - MENINA QUE REQUEBRA

Aparecida de Goiânia, é uma das cidades mais populosas do Estado de Goiás, atualmente com cerca de 527.796 habitantes, segundo o último censo do IBGE (2022). Por estar na região metropolitana de Goiânia têm uma relevante importância econômica para o estado. Seu polo econômico em constante crescimento, merece destaque para a indústria e o comércio. Além de ser um centro de serviços para as cidades próximas. Possui uma rica diversidade cultural e eventos que atraem turistas e moradores. Na década de 1980, Aparecida de Goiânia não possuía muitos recursos e recebia o nome de cidade “dormitório” pelo fato das pessoas que aqui viviam ter que se deslocar até a capital para trabalhar ou em busca de uma qualificação profissional. As lojas e comércios não tinham muitas variedades ou opções.

Minha família, composta por minha mãe, minhas duas irmãs mais velhas e eu, saímos de Goiânia e viemos morar em Aparecida de Goiânia em busca de uma casa própria. Nos unimos a um grupo de pessoas, para reivindicar doações de terrenos. Ficamos em uma área que, em minhas lembranças, era um campo de futebol enorme. Por lá ficamos alguns dias em barracas de lona, sem água e sem energia para então sermos notados pelas autoridades. Minha família e as demais que ali estavam nos reunimos em volta da fogueira para conversarmos e as refeições, muitas vezes, eram batata doce assada na fogueira. Ao anoitecer, quando a fogueira apagava, a única iluminação que restava era a dos lampiões, que tinha como combustão o querosene. Os banhos eram em bacias feitas artesanalmente por pneus e madeira, e tinha que tomar banho dentro de casa, pois não havia banheiros, apenas privadas coletivas. Ficamos, neste terreno, por algum tempo até que as famílias foram autorizadas a habitar um terreno, doado pela prefeitura da época. Essa área acabou virando um bairro e recebeu o nome de Nova Cidade. Minha mãe construiu um barraco de lona e madeira e assim ficamos por alguns

anos. Depois construímos um cômodo grande de placas de cimento e, passado mais alguns anos, recebemos doação de tijolos e construímos um barraco de dois cômodos com um banheiro.

Em toda minha infância e adolescência passamos basicamente morando neste lugar. O bairro era cercado por roubos e violência, considerado de alta periculosidade. Tínhamos que aprender a conviver em meio às tragédias e aprender a nos defender de qualquer situação desde cedo, ainda mais sendo uma família composta apenas por mulheres.

Minha infância foi marcada por muitas dificuldades financeiras. Não podíamos brincar na rua porque a região era perigosa e eu e minhas irmãs ficávamos a sós em casa sem a presença de um adulto responsável, pois minha mãe saía todos os dias para trabalhar. Tivemos que assumir as responsabilidades dos afazeres de casa ainda criança. Na época, não havia escolas suficientes, então minha mãe nos matriculou em uma escola em Goiânia. Tínhamos que caminhar de um bairro a outro para chegar ao ponto de ônibus e depois pegar duas conduções para chegar à escola. Ao chegar da escola, tínhamos que ficar em casa cuidando dos afazeres domésticos, e assim seguimos até a adolescência. Entretanto, apesar de todas as situações difíceis, posso dizer que fui feliz e aproveitei os poucos momentos de brincadeiras.

Se a oferta de instituições públicas de ensino eram escassas, diversão e lazer eram praticamente inexistentes. Aos finais de semana costumávamos acordar cedo para assistir desenhos animados e depois programas de entretenimento, que eram transmitidos pelos canais de TV aberta. Meus programas favoritos eram os que transmitiam danças e músicas. Me divertia muito ao ficar em frente a tv acompanhando e imitando as coreografias. Portanto, a tv teve uma importância significativa em minha vida. Foi através dela, que tivemos os primeiros contatos com a arte e em específico com a dança.

Lembro de uma certa ocasião em que eu assistia a um programa em que foi apresentado um grupo de pagode baiano. Eles entraram no palco e começaram a dançar. Suas músicas eram envolventes e divertidas, as coreografias eram convidativas e transmitiam alegria. A partir desse momento fiquei interessada em acompanhar as atividades do grupo e a cada final de semana, ficava na expectativa de saber se o grupo iria aparecer novamente. O Grupo tinha um nome singular e marcante, não tinha como me esquecer: É o Tchan. Para minha alegria o grupo

estava fazendo muito sucesso e apareciam em diversos canais de tv ao mesmo tempo, gerando uma grande audiência nas emissoras brasileiras.

Fui acompanhando o grupo, aprendendo as coreografias, e me tornando fã cada vez mais. Com as coreografias memorizadas na cabeça e no corpo, despertou a necessidade de fazer parte de um grupo de dança, pois a dança já fazia parte da minha vida, e estava presente em mim em todos os momentos oportunos. Minhas brincadeiras e diversão passaram a ser as danças do grupo É o Tchan.

Minha vizinha da casa ao lado, tinha uma sobrinha com quem fiz amizade e, quando ela ia visitar sua tia, eu a chamava para ficar em minha casa. Um certo dia liguei o som e mostrei para ela as músicas do É o Tchan e, para minha surpresa, ela também sabia as coreografias. Ela sabia sambar tão bem quanto as dançarinas do grupo. Começamos a ensaiar aos finais de semana e assim lá estávamos, uma morena e uma loira, prontamente nos tornamos uma dupla com um único desejo, montar um grupo de dança inspirado pelo É o Tchan.

Nos dias que ela ia para minha casa ensaiar, colocávamos a caixa de som na porta da frente e esperávamos o momento em que a música do grupo iria ser reproduzida pela rádio para gravá-la em uma fita virgem ou por cima de outras músicas que já não me interessava mais. Só depois de algum tempo consegui comprar a fita original contendo os lançamentos do álbum de sucesso do grupo. Dançávamos na calçada, as pessoas passando e a gente lá dançando sem se importar com mais nada.

O ambiente estava impregnado de sons e ritmos, as jovens conheciam todas as músicas e eram motivadas pela cadência, pela harmonia e pelos refrões pegajosos, completamente alheias às palavras que saíam de suas bocas. (NASCIMENTO, 2012, p. 17).

Fui crescendo, e a dança continuava presente em meu corpo. Tinha o desejo de fazer aulas de dança, mas aqui na minha cidade isso não era possível, não havia escolas, ou companhias específicas. Os lugares que tinham aulas nesta época, eram longe e o custo era muito caro. Além disso, o preconceito era evidente, as danças populares não eram muito procuradas.

Aos dezesseis anos comecei a participar de concursos de beleza. Os desfiles não era meu objetivo, mas era o que me deixava mais próxima da dança, pois sempre que havia oportunidade, me oferecia para ensaiar as meninas para apresentar uma coreografia ao final do evento. Eu levava as meninas para minha casa e ensaiava com todas elas ao mesmo tempo. Não as via como minhas

concorrentes. Eu não me importava quem iria ganhar o concurso, meu objetivo era apresentar a dança para o público, os jurados e a imprensa local que ali estavam. Após os desfiles em todos os trajes, entramos todas as participantes para a apresentação. Essa era a parte do evento em que eu me realizava.



Imagem - Concurso de beleza, momentos antes de apresentar a coreografia do evento. (2002)

Por volta dos anos 2000, em um desses eventos, conheci um rapaz integrante de um grupo de axé music da região, o grupo que se chamava 100% Axé. Esse grupo seguia as características do grupo É o Tchan, ele como criador, dançarino e também coreógrafo, além de uma morena e uma loira. Demonstrei interesse em participar do grupo e soube que teria uma vaga, justamente a da dançarina morena. Prontamente me coloquei à disposição. Então, fui convidada a participar dos ensaios do grupo e, após alguns ensaios, o criador fez o convite oficial.

Os ensaios eram intensos e as apresentações eram constantes, levamos a dança pela cidade, nos apresentamos em vários lugares e eventos, o Axé music estava em evidência e as danças ficavam mais conhecidas. Nas feiras livres e nas escolas as pessoas se juntavam para dançar o ritmo do momento. Por volta do ano de 2004, o axé foi perdendo forças e o grupo foi se desfazendo até perdemos o contato uns com os outros. Foi quando eu fiquei grávida e fui me dedicar à família.

O tempo passou, e sempre que era possível, mantinha a dança e as coreografias presentes em minha vida, dançava as coreografias do É o Tchan nas festas de família, ou de amigos. Sentia saudade dos ensaios exaustivos, dos palcos e da vibração do público. De alguma forma, não podia deixar estes momentos no esquecimento, as inquietações eram constantes.

Em uma das letras de uma das músicas do grupo É o Tchan, onde diz: “Pau que nasce torto, nunca se endireita”, posso afirmar que é exatamente o que aconteceu comigo. Essa expressão remete a um ditado popular, de que certos traços de alguém são difíceis de se transformar. Apesar de ter tido dificuldades em ter um acesso de qualidade a uma formação artística, eu tive muito interesse em aprender e me esforcei naquilo que estava ao meu alcance. Mas posso dizer que o meu desejo por dançar e me aprofundar nos estudos na área da Dança foi influenciado diretamente pelo grupo É o Tchan.

Essa influência foi tão importante que chegou ao ponto de definir minha carreira profissional. Assim, ingressei no curso de graduação, na Licenciatura em Dança. O curso me proporcionou manter viva as lembranças do meu passado e da minha trajetória. Me fez refletir sobre a importância da busca pelos sonhos e focar nos objetivos. A graduação ainda possibilitou a realização de um desejo, o de poder atuar na dança por meio do ensino.

Nos estágios supervisionados, tive a satisfação de ministrar aulas de dança para crianças da rede de educação pública do município de Aparecida de Goiânia, no ensino fundamental. Lá tive minhas primeiras experiências como professora, do que é poder ensinar os alunos a dança, compartilhar minhas experiências, promovendo vivências em arte. Hoje como professora, ainda em formação, trabalho ministrando aulas de zumba, para um grupo de pessoas, conciliando com trabalho efetivo, como servidora pública na Rede Municipal de Educação de Aparecida de Goiânia, onde desenvolvo minhas atividades desde 2013. A zumba são exercícios físicos, que combina movimentos de dança com elementos de aeróbica, inspirado em vários estilos de dança, e um dos estilos que mais trabalho, é o axé music, especificamente as danças do grupo É o Tchan. A Zumba é uma prática que mais me deixa próxima com as relações do grupo, despertando minhas memórias da infância, bem como minha trajetória pessoal como profissional.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexo de uma cultura formada por interações de diversos povos e que se deram de maneiras também diversas, a Bahia produziu e produz muitos elementos culturais que influenciam muitas outras regiões do país. Com a chegada dos escravizados africanos na Bahia, várias manifestações culturais foram introduzidas. As danças representativas do estado são profundamente ligadas às tradições desses povos e, também, as dos povos originários.

Vários gêneros de música e dança surgiram ao longo de todo esse contexto, o Batuque, como uma expressão cultural de africanos escravizados no Brasil, é uma forma única de dança que incorpora uma divindade; o samba que tem origem no Recôncavo Baiano, onde os primeiros colonizadores se instalaram; dentre outros.

Como uma das manifestações mais conhecida mundialmente, o carnaval em Salvador é particularmente forte e representativo, com seus trios elétricos, conta com a presença de vários gêneros, como o Ijexá, Chula, Samba-reggae, Arrocha, Axé music e Pagode.

O Pagode baiano é muito mais do que apenas um gênero musical. Ele representa um importante pilar da cultura baiana, com raízes profundas, do samba, do samba-reggae e de ritmos afro-brasileiros. Sua importância se estende por diversos aspectos da sociedade baiana e brasileira, como a luta por identidade, a valorização da cultura popular e a força da comunidade. Teve um grande impacto na música brasileira, influenciando outros estilos musicais. Ao ouvir um pagode, estamos nos conectando com a história, com as pessoas e com a nossa própria identidade.

Uma das maiores contribuições do "É o Tchan" foi a popularização do axé, o grupo teve um impacto significativo na cultura musical e na dança no Brasil. Portanto, eles revitalizaram o carnaval com suas músicas, que se tornaram hinos carnavalescos, atraindo multidões para os blocos e desfiles. O sucesso do grupo influenciou uma nova geração de artistas e bandas que seguiram a mesma linha musical. A presença constante em programas de televisão e na mídia brasileira, contribuiu para a disseminação de suas músicas e coreografias, com passos que eram facilmente imitados, eram dançados por pessoas de todas as idades. Isso resultou na adoção de estilos de dança, as pessoas passaram a incorporar as músicas e coreografias em festas, eventos, academias, e até em aulas de dança. Seus vídeo clipes eram exibidos em canais de música, contribuindo para a estética e

a moda da época, participaram de festivais de música e eventos culturais em outros países, levando a música brasileira para um público mais amplo. O É o Tchan incentivou muitas garotas a se interessar pela dança. As jovens queriam aprender as coreografias para participar das festas, eventos e até mesmo de concursos promovidos pelo grupo.

O grupo contribuiu para uma percepção da feminilidade, muitas garotas se sentiram empoderadas e confiantes, para quebrar estereótipos sobre como as mulheres deveriam se comportar, proporcionando a liberdade e a celebração do corpo. Ajudaram a criar laços entre as garotas, que se reuniam para aprender as coreografias.

As inquietações sobre minhas relações com o grupo, e como fui impactada e atravessada por suas influências, possibilitou conduzir minhas afetações do passado, trazendo aqui para o presente, como uma forma de poder vivenciar e explorar essa dança. O grupo É o Tchan com suas músicas e ritmos contagiantes me abriu possibilidades de me movimentar em danças e brincadeiras que no embalo rítmico favoreceu um auto conhecimento. Ao conhecer e reconhecer meu corpo, meus desejos e meus limites, pude com as músicas e coreografias deste grupo estruturar minha identidade enquanto mulher e pessoa. Além disso, por conta desse feixe de significações que o grupo e seu contexto irradiavam, pude construir e me apegar a um sonho em meio a uma realidade econômica e social muito dura, apesar de ser comum. O grupo foi como um trem em minha vida, agarrado aos trilhos dos meus sonhos, vencendo todas as barreiras que apareciam pelo caminho. E essa viagem ainda não terminou...

Através deste trabalho, espero contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas relacionadas a esta temática, podendo inspirar os estudantes, a produzir mais conteúdos autobiográficos contribuindo para a produção de pesquisas com temáticas que podem, à primeira vista, parecer controversas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lourece Cristine; CARVALHO, Maria Claudia Veiga Soares; FERREIRA, Francisco Romão. ONJÉ: candomblé, cozinha e axé. **Processos sociais: sistemas culinários em contexto de ressignificações, comensalidades, processos discursivos e religiosos** (Série Alimentação & Cultura). João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

ARANTES, Nélío. **Pequena história do Carnaval no Brasil**. Revista Portal de Divulgação, n. 29, 2013.

BALDI, Neila Cristina; SILVA DOS SANTOS, Oneide Alessandro; MORS, Fabiana Andreia; SANTOS, Cinara Neujahr dos. **CORPOS SINGULARES: AUTOBIOGRAFIA, DECOLONIALIDADE E EDUCAÇÃO SOMÁTICA NO ENSINO DA DANÇA**. Revista Interinstitucional Artes de Educar, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 184–203, 2020. DOI: 10.12957/riae.2020.45288. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/45288>. Acesso em: 2 set. 2024.

BIÃO, Armindo. "O obsceno em cena, ou o tchan na boquinha da garrafa." *Repertório Teatro & Dança* 1.1 (1998): 23-26.

BRITO, Edílson dos Santos. **O arrocha: origem, representantes, estigma social e cultura de massas**. 2019.

CHAGAS, Ledson. **Corpo, Dança E Letras: Um Estudo Sobre a Cena Musical Do Pagode Baiano E Suas Mediações**. 2016.

DAMASCENO, Taylane Cristina do Nascimento. **Relação da linguagem e hierarquia entre os membros no terreiro de Candomblé**. 2019.

DODÔ e Osmar. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo636445/dodo-e-osmar>. Acesso em: 19 de setembro de 2024. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

DÖRING, Katharina. **O samba da Bahia: tradição pouco conhecida**. ICTUS-Periódico do PPGMUS-UFBA| ICTUS Music Journal, v. 5, 2004.

DO NASCIMENTO, Clebemilton Gomes. **“Piriquetes e putões”: representações de gênero nas letras de pagode baiano**. 2008.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. **História da capoeira**. Revista da Educação Física, v. 13, n. 2, p. 141-150, 2002.

G1, **O portal de Notícias da Globo 2022**. Disponível em: WIKIPÉDIA, Rave, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rave> . Acesso em 28 set de 2024.

GUERREIRO, Almerinda. **A trama dos tambores: a música afro-pop de Salvador**. Editora 34, 2000.

GSHOW, Compadre Washington, 2015. Disponível em: <https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2015/06/beto-jamaica-desafia-compadre-washington-em-quiz-sobre-e-o-tchan.html> . Acesso em 25 set de 2024.

LACERDA, Gabriela Limeira de. **O pagode em documentos: contribuições para o estudo do campo musical nos anos 1990**. 2014.

LACERDA, Gabriela Limeira de. **É o tchan do Brasil: história, corpo e erotismo no pagode baiano dos anos 1990**. 2016.

LEME, Mônica. **"SEGURE O TCHAN!": IDENTIDADE NA "AXÉ-MUSIC" DOS ANOS 80 E 90**. Cadernos do Colóquio, v. 4, n. 1, 2001.

LEME, Mônica. **Que "tchan" é esse?: indústria e produção musical no Brasil dos anos 90**. Annablume, 2003.

MORAIS, Breno Kruse de. **A era do Sertanejo: como a digitalização da música contribuiu para a explosão do segmento**. 2020. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/D.27.2020.de-08032021-162243. Acesso em: 2024-09-02.

MOURA, Milton. **Carnaval e baianidade: arestas e curvas na coreografia de identidades do carnaval de Salvador**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2001.

NASCIMENTO, Clebemilton. **Entrelaçando corpos e letras: representações de gênero nos pagodes baianos**. 2010.

NASCIMENTO, Clebemilton. **Pagodes baianos: entrelaçando sons, corpos e letras**. Salvador: Edufba, 2012.200p.

OLIVEIRA, Marcelo Cunha; CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. **Carnaval, identidade negra e axé music em Salvador na segunda metade do século XX**. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, p. 70-84, 2016.

PEREIRA, Adrian Estrela. **Cabila e Ijexá: interconexões entre ritmos de duas culturas**. Cultura e sociedade. Ponta Grossa: Atena, 2020.

PEREIRA, Ianá Souza. **Axé-axé: o megafenômeno baiano**. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Axe-axe_megafenomeno_baiano.pdf> Acesso em: 20 ago. 2024.

PORTUGAL, Roberta Rosa. **O samba-reggae: uma afirmação do sagrado, cultural e político**. ODEERE, v. 2, n. 3, p. 299-322, 2017.

RUBIM, Antônio Albino Canelas; RUBIM, Lindinalva Silva Oliveira. **Televisão e políticas culturais no Brasil**. revista USP, n. 61, p. 16-29, 2004.

SANT'ANNA, Márcia. **Escravidão no Brasil: os terreiros de candomblé e a resistência cultural dos povos negros**. Consult. em, v. 17, p. 9, 2015.

SANTOS, Everton Bispo dos, et al. **A dança do pagode baiano na escola: o corpo negro periférico e sua intersecção nesses contextos**. 2022.

SILVA, Marilza Oliveira da. **Danças Indígenas e Afrobrasileiras**. 2018.

SILVA, Francisco Thiago. **Candomblé iorubá: a relação do homem com seu orixá pessoal**. Educação, Ciência e Cultura, v. 16, n. 2, p. 63-75, 2011.

UOL, Folha, 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/11/jacare-do-e-o-tchan-fala-sobre-racismo-em-programas-de-tv-chorava-muito-no-camarim.shtml> . Acesso em 27 set de 2024.

UOL,SÃO PAULO, Folha, 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/3/05/ilustrada/16.html> . Acesso em 29 set de 2024.

VARGAS, Alexandre Siles. **O carnaval da Bahia: uma retrospectiva histórica do entrudo ao surgimento do trio elétrico Dodô & Osmar com o cavaco elétrico protótipo da guitarra baiana**. Anais do SIMPOM, n. 3, 2014.

WIKIPEDIA, Candeia (Bahia), 2024 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Candeias_%28Bahia%29 . Acesso em: 24 set de 2024.

WIKIPEDIA, Indústria do entretenimento, Show bizz, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%BAstria_do_entretenimento . Acesso em: 21 set de 2024.

WIKIPEDIA, **Jornal Daqui-O Popular**, 2015. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_Daqui#:~:text=Jornal%20Daqui%20%C3%A9%20um%20jornal,Nacional%20de%20Jornais%2C%20em%202015 . Acesso em: 25 set de 2024.

WIKIPEDIA, **Programa Domingo Legal**, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Domingo_Legal . Acesso em 24 set de 2024.

WIKIPEDIA, **Santo Amaro (Bahia)**, 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Doming%C3%A3o_do_Faust%C3%A3o . Acesso em: 25 set de 2024

WIKIPEDIA,[Xucurus – Wikipédia, a enciclopédia livre 2024](https://pt.wikipedia.org/wiki/Xucurus). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Xucurus>. Acesso em: 22 set de 2024.

WIKIVERSITY: Wikinativa/Pankararu,2023. Disponível em:<https://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Pankararu>, Acesso em: 22 set de 2024.

